

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA E
EDUCAÇÃO DO CAMPO – RESIDÊNCIA AGRÁRIA**

**GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA
PRODUÇÃO LEITEIRA: ESTUDO NOS
ASSENTAMENTOS, NOVA UNIÃO I, UNIDOS
VENCEREMOS, CONQUISTA DA FRONTEIRA,
SANTA ELMIRA, ESTÂNCIA VELHA E TAPETE
VERDE, HULHA NEGRA/RS.**

ARTIGO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Alex Sandro Dutra de Oliveira

SANTA MARIA, RS, BRASIL

2015

**GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO
LEITEIRA: Estudo nos assentamentos, Nova União I, Unidos
Venceremos, Conquista da Fronteira, Santa Elmira, Estância Velha
e Tapete Verde, HULHA NEGRA/RS.**

ELABORADO POR

Alex Sandro Dutra de Oliveira

**Artigo apresentado ao curso de pós-graduação em Agricultura
Familiar Camponesa e Educação do Campo – Residência Agrária,
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)**

Orientador: Prof. Dr. Marcos Botton Piccin

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR
CAMPONESA E EDUCAÇÃO DO CAMPO – RESIDÊNCIA AGRÁRIA

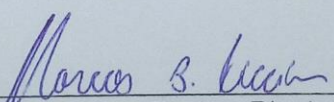
A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o artigo para
especialização

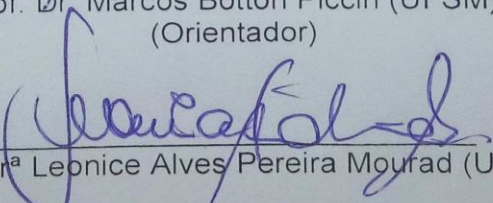
**GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO
LEITEIRA: Estudo nos assentamentos, Nova União I, Unidos
Venceremos, Conquista da Fronteira, Santa Elmira, Estância Velha e
Tapete Verde, HULHA NEGRA/RS.**

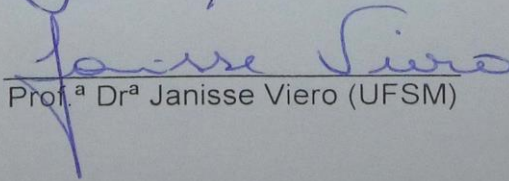
Elaborado por
Alex Sandro Dutra de Oliveira

Como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Agricultura
Familiar Camponesa e Educação do Campo

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof. Dr. Marcos Botton Piccin (UFSM)
(Orientador)


Prof.^a Dr.^a Leonice Alves Pereira Mourad (UFSM)


Prof.^a Dr.^a Janisse Viero (UFSM)

SANTA MARIA/RS, 2015

Resumo

O presente trabalho de pesquisa analisa a divisão sexual do trabalho numa perspectiva de gênero dentro da matriz produtiva leite, a partir de seis núcleos familiares. Trabalhando com a hipótese de que, quanto maior a renda familiar proporcionada pela produção leiteira, menor é o poder de gerenciamento das mulheres na atividade produtiva, até mesmo quando elas participam ativamente nos trabalhos vinculados a produção leiteira na unidade de produção familiar e também quando o poder de decisão seja tomado totalmente pelos homens. A pesquisa procura examinar divisões de tarefas existentes entre os membros da família para distribuição do trabalho dentro da unidade produtiva, assim como a divisão sexual do trabalho, identificando as cargas horárias de trabalho de cada um nas diversas atividades rotineiras e eventuais dentro da unidade produtiva. O público alvo escolhido foram seis famílias residentes em diferentes assentamentos do Município de Hulha Negra que por sua vez representam seis diferentes tipologias dos sistemas de produção existentes no município, na qual está inserida a produção leiteira como uma das atividades.

Palavras-chave: Divisão sexual do trabalho, gênero, atividade leiteira, assentamentos rurais.

Abstract

GENDER AND SEXUAL DIVISION OF LABOR IN MILK PRODUCTION: study in the settlements, Nova União I, Unidos Venceremos, Conquista da Fronteira, Santa Elmira, Estância Velha e Tapete Verde, HULHA NEGRA/ RS.

This research study examines the sexual division of labor in a gender perspective within the productive milk mother, from six households. Working with the hypothesis that the higher the family income provided by milk production, the lower the power of women's management in productive activity, even when they actively participate in the work linked to milk production in family production unit and also when the decision-making is totally taken by men. The research examines existing divisions of labor among family members for distribution of work within the production unit, as well as the sexual division of labor, identifying the hourly workloads of each of the various routine and any activities within the production unit. The target audience were chosen six families living in different settlements of the Municipality of Coal Black which in turn represent six different types of existing production systems in the municipality in which it operates dairy production as one of the activities.

Keywords: sexual division of labor, gender, dairy farming, rural settlements.

Introdução

Tu pode ver se não é assim, as mulheres fazem tudo em casa: cuidam das crianças, dos bichos, da horta, das frutas, do leite. Eles só querem saber do dia 19, [quando ocorre o pagamento mensal da venda do leite pela cooperativa] (Dona Carmen).

Neste artigo se analisa a divisão sexual do trabalho dentro de seis unidades de produção agrícola familiar, em assentamentos de reforma agrária, estabelecidos no município de Hulha Negra no estado do Rio Grande do Sul, propondo-se trabalhar sob uma perspectiva de gênero dentro das atividades relacionadas com à produção leiteira. Trabalhando-se assim, com a seguinte hipótese, de que, quanto maior for a renda familiar que é proporcionada pela produção leiteira, menor será o poder de gerenciamento e de tomada de decisões das mulheres nesta atividade produtiva e que por conseguinte, nas famílias onde a produção leiteira não tem um grande significado financeiro, no todo da renda familiar, as mulheres têm um amplo poder de decisão no gerenciamento da atividade.

Geralmente, os homens assumem o gerenciamento e o comando das decisões das atividades quando o retorno financeiro proporcionado pela mesma for maior. Magalhães (2009) relata que “é voz corrente na região dizer que quando o leite começa a dar lucro e se torna o produto principal, a atividade passa a ser controlada pelos homens”. Ainda de acordo com esse autor, as mulheres participam ativamente e de forma constante em praticamente todas as atividades dentro da unidade de produção familiar, mesmo quando o poder de decisão seja totalmente tomado pelos homens.

As atividades produtivas mais destinadas ao consumo familiar são normalmente desempenhadas por mulheres, enquanto as atividades de caráter comercial, são normalmente desempenhadas pelos homens (MENASCHE E ESCHER, 1996). Muitas vezes, estas tarefas domésticas são tão rotineiras no dia a dia das mulheres que passam despercebidas por todos, inclusive por elas mesmas, durante a realização das inúmeras outras atividades diárias desempenhadas por toda a família.

O conceito de divisão sexual do trabalho já tem uma longa história, segundo Kergoat e Hirata (2007), há dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho. Um deles é a separação do que é trabalho de homens e de mulheres. Outro é a hierarquia, que considera que o trabalho dos homens vale mais do que o das mulheres. A divisão sexual do trabalho é considerada como um aspecto da divisão social do trabalho, e nela a dimensão opressão/dominação está fortemente contida, ou ainda:

(...) é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuais de poder. (...) É assim, indissociável das relações sociais entre homens e mulheres, que são relações de exploração e opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas (KERGOAT E HIRATA, 2007).

A divisão sexual do trabalho, tal como se apresenta, faz com que mulheres tenham uma sobrecarga com as obrigações relativas ao trabalho doméstico, de cuidado com a casa e com os/as filhos/as (SPM, 2012, p. 83). Complementando a citação, esta sobrecarga é ainda muito maior quando se trata de mulheres trabalhadoras rurais.

Esta pesquisa também procura examinar, como se dão as divisões de tarefas nas famílias assentadas, levando-se em conta a divisão sexual do trabalho. Identificando-se assim as cargas horárias de trabalho de cada um dos componentes das seis famílias, nas diversas atividades rotineiras e eventuais dentro da unidade produtiva.

Seitenfuss (2014, p. 3) destaca que "... a subvalorização do trabalho da mulher seja, no produto de seu labor, em sua remuneração quase inexistente ou pela negação da capacidade de gerenciamento" e ainda segundo a autora "o reconhecimento do papel e trabalho da mulher acontece de forma mais lenta ou com mudanças pouco perceptíveis".

"A jornada de trabalho das mulheres do campo costuma começar por volta das cinco horas da manhã e termina em torno da meia-noite. Além do trabalho com os maridos, elas ainda são responsáveis por cuidar das crianças e das atividades domésticas," disse a sindicalista Carmen Foro, durante a Marcha das Margaridas.

A produção leiteira sempre foi mais fortemente vinculada ao trabalho feminino na agricultura familiar, e começou a ter um maior desenvolvimento já com caráter comercial na Região da Campanha, desde a época da colonização alemã na região, ocorrida na década de vinte.

Caracterização do local de abrangência da pesquisa

O estudo ocorreu no município de Hulha Negra, que pertence à região da Campanha do Estado do Rio Grande do Sul. A base econômica do município é o setor primário, com destaque para as bovinoculturas de leite e de corte, a produção da cultura da soja, que vem crescendo muito nos últimos anos, a produção de milho para alimentação dos animais, consumo familiar e para o comércio em geral, a cultura do arroz irrigado, bem como, o plantio de outros grãos em menor escala e expressão, como o sorgo, o feijão, o trigo e a cevada, ainda destaca-se a produção de sementes de olerícolas e de pastagens, o cultivo de hortaliças para comercialização em feiras e mercados locais, a apicultura com a produção de mel e também a produção para auto sustento familiar com a criação de pequenos animais (suínos, aves, ovinos, piscicultura, etc.), o cultivo de hortaliças, plantas de barço, raízes e tubérculos, entre outras. Reijntjes *et al.* (1999) afirma que a agricultura de subsistência ou auto sustento é um sistema agrícola no qual grande parte do produto final é consumido pelo produtor.

A população do município é de 6.043 habitantes, sendo que 3.134 habitantes residem no meio rural, ou seja, 51,86% da população do município reside no meio rural. Dos 1.265 estabelecimentos agropecuários existentes em Hulha Negra, 857 deles são de famílias assentadas pelo Programa de Reforma Agrária, 259 são de agricultores familiares, o que representa mais de 88,5 % das propriedades do município (IBGE, 2006). Siliprandi (1998) menciona que a partir de 1990 o termo agricultores familiares passou a ser utilizado devido sim ao tipo de mão-de-obra utilizado no estabelecimento e não mais pela área ocupada ou tamanho da propriedade. Deixando-se assim de utilizarmos o termo pequenos agricultores.

Os processos de colonizações que ocorreram no município de Hulha Negra começaram pelos agricultores de origem alemã, datada de 1925, através de produtores rurais vindos da região de Pelotas e Canguçu, as famílias vieram lideradas pelo Engenheiro Agrônomo Sr. Francisco Krensiger, que com seu conhecimento técnico introduziu, até aquele momento, uma nova atividade econômica na Região da Campanha, que foi a cultura do trigo, assim os alemães

formara uma pequena comunidade, logo após formando-se a chamada Colônia Trigolândia, nome que foi dado a comunidade devido a produção em alta escala do grão. Ainda dentro do processo de colonização do município, no ano de 1978, em decorrência de um conflito pela posse da terra, ocorrido entre os posseiros e as comunidades indígenas, na Reserva Indígena de Nonoai, no norte do Estado, uma leva de 125 famílias são assentadas no município e incorporadas a um projeto da Cooperativa Agrícola Mista Aceguá Ltda. – CAMAL, que visava aumentar a produção leiteira na região, sendo assim, estas famílias são assentadas em uma área adquirida pelo Governo do Estado, passando a chamar-se Colônia Nova Esperança, destas, 106 famílias eram oriundas de Nonoai e 19 da própria região. (EMATER/RS, 2014).

No final da década de oitenta, houve o começo da implantação dos assentamentos com famílias organizadas e ligadas ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), todo este processo ocorreu não só no município de Hulha Negra, como também em grande parte da Região da Campanha do Rio Grande do Sul como nos municípios de Candiota, Aceguá, Pedras Altas, Pinheiro Machado e Dom Pedrito, portanto, criando-se assim uma das chamadas “áreas reformadas” pelo Programa de Reforma Agrária, conforme nos mostrará o mapa abaixo no artigo. Segundo Bavaresco (1999), os assentados rurais existentes atualmente, têm suas origens através da luta incessante dos trabalhadores rurais pela posse da terra. Estes trabalhadores, são os filhos dos pequenos agricultores, dos arrendatários, de posseiros, meeiros, dos atingidos por barragens, empregados rurais, etc.

Segundo Ranieri (2003), a concentração da posse da terra no Brasil tem suas origens na época do descobrimento. A expressão reforma agrária é utilizada para representar ideias de estímulo à produção agrícola, como assistência técnica, crédito agrícola, garantia de preços e outras intervenções similares, ainda segundo o autor relata, a reforma agrária é um termo utilizado para descrever uma série de ações que têm como base a reordenação fundiária como mecanismo de acesso à terra e aos meios de produção agrícola aos trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra.

O termo, assentamento começou a ser usado a partir do final da década de 1950 e início de 1960, quando algumas políticas começaram a ser implantadas em resposta às intensas mobilizações sociais no campo, porém logo reprimidas pelo governo militar para ressurgirem na segunda metade da década de 1970 (Bergamasco e Norder, 1996, *apud* Bavaresco).

Estas famílias, foram instaladas pelos governantes em grandes extensões de terras, estas geralmente improdutivas, que foram adquiridas pelo Estado através de compra com os Títulos da Dívida Agrária ou por serem terras devolutas, em sua grande maioria eram antigas fazendas de criação extensiva de gado de corte. As famílias sem nenhuma estrutura de produção mais moderna, com extremas dificuldades financeiras, de logística, nem sequer alguma infraestrutura básica, que desse condições para as famílias residirem e resistirem, outra situação difícil encontrada por estas famílias, foi o extremo preconceito que os moradores locais tanto da cidade quanto do interior, tinham para com eles, assim, muitos foram obrigados a desistir do seus sonhos e retornaram para seus locais de origem.

Devido ao peso que a produção familiar representa na agricultura, a torna hoje, um setor único no capitalismo contemporâneo, não havendo atividade econômica em que o trabalho e a gestão estruturarem-se tão fortemente em torno de vínculos de parentesco e onde a participação da mão-de-obra não contratada seja tão importante (ABRAMOVAY, 1992).

Temos a seguinte definição de família formulada por Chayanov: *“família é um conjunto de produtores e de consumidores centrados num casal e seus filhos, aos quais se podem agregar outros membros. É um grupo doméstico hierarquizado economicamente a partir de valores culturais”* (CHAYANOV, 1974 citado por WOORTTMANN (1995, p.29-30).

Estes assentamentos eram compostos por pessoas com naturalidades de diversos municípios do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em sua grande maioria das famílias oriundas das regiões do Alto Uruguai, Missões e do Noroeste do Estado, sendo que, muitas destas famílias estavam acampados, ou ainda, eram filhos dos acampados, na antiga Fazenda Annoni.

Para grande maioria destas pessoas, estavam vindo a uma região a qual, para eles era totalmente desconhecida, mas vinham com os sonhos firmados de terem seu próprio pedaço de terra, para que suas famílias pudessem criar seus animais e também ter a oportunidade de cultivar as culturas a qual eram acostumados em suas regiões de origem, podendo assim, realizar um sonho, o de construir as suas próprias unidades de produção familiar. Segundo o que é relatado por Ribeiro (1997, p 13) “o agricultor familiar é aquele que constrói toda a sua estratégia de sobrevivência e multiplicação dos bens que possui a partir da família” e sendo assim que a família possa ter um desenvolvimento social e econômico de forma sustentável e que principalmente pudessem resgatar toda sua dignidade familiar.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas por estas pessoas, que ao chegarem a um local desconhecido, acabaram se deparando com uma série de adversidades muito grandes, devido às grandes e consecutivas quantidades de perdas e as várias frustrações produtivas ocorridas nos primeiros anos, principalmente pelas diferenças climáticas, de solo e de infraestrutura, com relação às suas localidades de origem, pode-se afirmar que mesmo assim o número de pessoas que resistiram e se estabeleceram é muito significativo.

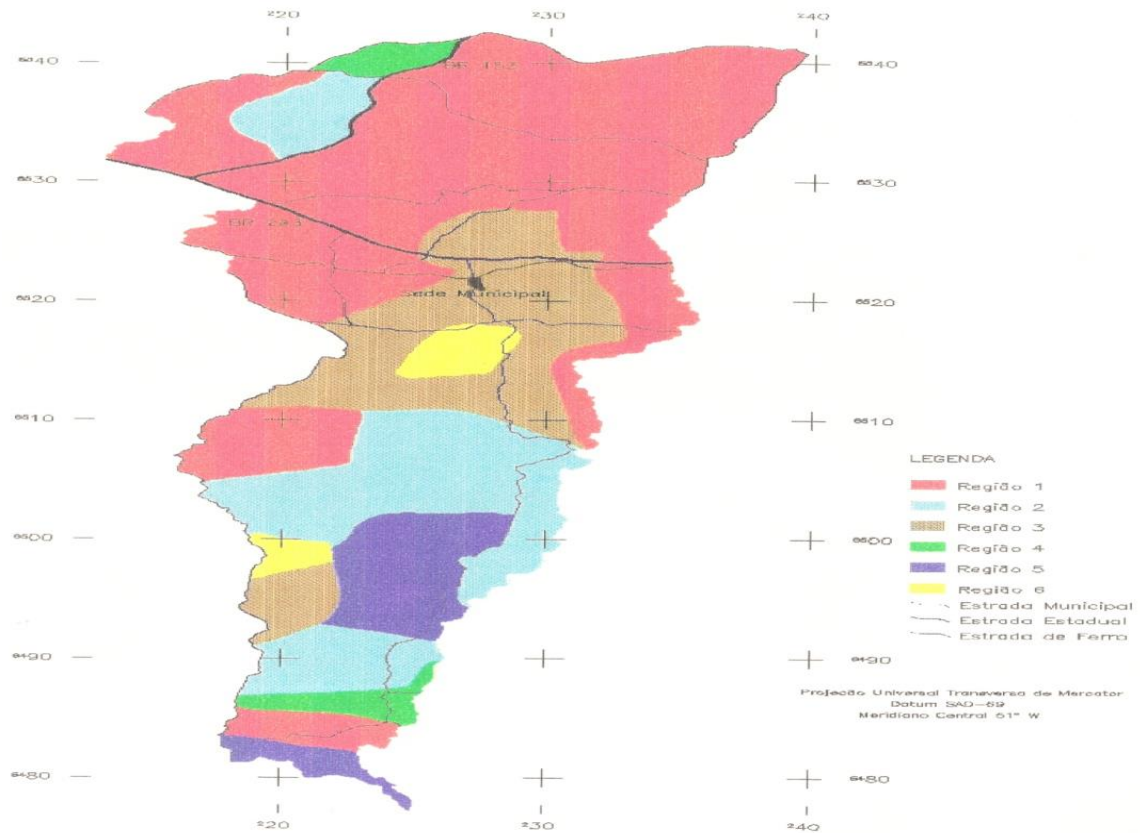
A chegada das primeiras famílias assentadas via a organização do MST, tinha como uma das principais bandeiras o desenvolvimento sustentável destas famílias fazendo que estas criassem estruturas próprias para resistir, produzir e manter a preservação dos recursos naturais.

A segunda grande chegada de famílias ligadas ao MST a serem assentadas no município de Hulha Negra e também em outros municípios da região, vieram oriundas de diversos acampamentos do movimento, espalhados por todo o estado, principalmente os acampamentos da Região Central, das Missões, da Região Serrana e da Região Metropolitana de Porto Alegre. Estas famílias chegaram aos municípios entre os anos de 1999 e 2001, sendo que estas pessoas, carinhosamente, então foram “batizadas” pelos demais companheiros, como sendo “os filhos do Olívio”. Isso fez com que aumentasse ainda mais a área reformada pelos assentamentos na Região da Campanha.

Estas famílias, por sua vez, já encontraram melhores condições, produtivas estruturais e até mesmo de aceitabilidade por parte dos moradores do município e da região, do que os seus companheiros passaram na década de oitenta. Porém, a falta de adaptação a uma série de condições adversas como, o desconhecimento de práticas agrícolas, de criação e cultivos para auto sustento, aos tipos de solos, ao clima severo da região, principalmente no inverno, entre outras, por parte de algumas das famílias, provocaram uma considerável evasão destas pessoas de cima dos seus lotes, o que por conseguinte, proporcionou que muitos filhos dos assentados mais antigos e que já estavam adaptados a estas condições apresentadas, pudessem assumir estes lotes e assim formarem novas estruturas familiares de produção.

Atualmente no município de Hulha Negra, estão assentadas 857 famílias, que estão residindo em vinte e quatro assentamentos da reforma agrária, sendo que destes, oito assentamentos foram criados e legalizados pelo Governo Federal através do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e dezesseis outros Assentamentos que foram formados pelo Governo Estadual através da SDR (Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo) e que possuem a coordenação do DDA (Departamento de Desenvolvimento Agrário. (EMATER/RS, 2014).

A apresentação do mapa abaixo, tem o objetivo de nos mostrar a localização dos assentamentos mais antigos e os mais recentes, nas diferentes regiões demográficas de todo o município, estas informações foram levantadas através da execução de uma metodologia participativa, a Leitura da Paisagem do Município de Hulha Negra, realizada pela Emater/RS, em parceria com a Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, URCAMP (Universidade da Região da Campanha), Dirigentes do MST, Conselhos Municipais e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, caracterizando bem, aquilo que nós chamamos de “áreas reformadas” pelo programa de Reforma Agrária, onde estão localizados os assentamentos e deixando claro que anteriormente eram somente algumas grandes fazendas de criação extensiva de gado de corte.



Fonte: EMATER/RS

As propriedades de maior porte estão localizadas predominantemente no norte, com áreas também no centro e no sul do município. Nestas áreas incide a criação de gado de corte e de ovelhas e onde o relevo permite as lavouras de arroz irrigado. Corresponde à região 1 do mapa.

Os assentamentos estão localizados nas regiões 2 e 5 do mapa, sendo que na região 2 se localizam os assentamentos mais novos, formados entre 1999 e 2001, enquanto na região 5 localizam-se os assentamentos mais antigos formados entre 1989 e 1991.

As propriedades predominantemente de pequeno e médio porte, chamadas de agricultura familiar, que se caracterizam no mapa pelas regiões 3 e 6, se localizam no entorno da sede do município em sua maior parte, havendo também algumas áreas mescladas em meio aos assentamentos. As áreas de pecuária familiar, que representam a região 4, estão localizadas nos extremos, uma no extremo norte do município e outra ao sul. (EMATER/RS, 2002)

Escolha das Famílias

O público alvo escolhido para ser trabalhado nesta pesquisa, foram seis famílias residentes em diferentes assentamentos do município, famílias estas, que por sua vez representam seis diferentes tipologias dos sistemas de produção, ao qual a produção leiteira esteja envolvida dentro das atividades trabalhadas, dentre os inúmeros sistemas de produção existentes nos assentamentos do município de Hulha Negra.

Segundo Brumer (1999), uma das alternativas existentes para a produção familiar no Rio Grande do Sul é a diversificação produtiva, tanto no interior de cada estabelecimento agropecuário como entre unidades produtivas e entre regiões. As definições sobre as tipologias foram realizadas pelos técnicos do escritório municipal da Emater/RS, com o auxílio do Escritório Regional da Emater/RS de Bagé, usando como base os dados levantados junto as famílias assentadas do município através dos questionários realizados pela ATES/RS (Assessoria Técnica, Social e Ambiental - RS) e lançadas no SIGRA (Sistema Integrado de Gestão Rural da ATES) e também através da vivência diária e dos conhecimentos práticos dos técnicos que atuam no município, sendo estas informações posteriormente validadas no COMDER (Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural) e com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. A escolha destas famílias deu-se principalmente por elas representarem muito bem as características destas tipologias.

Os sistemas de produção definidos para serem trabalhados neste projeto de pesquisa, foram:

- # 1ª leite + sementeiras;
- # 2ª sementes + grãos + leite;
- # 3ª leite + outras rendas;
- # 4ª outras rendas + leite;
- # 5ª leite;
- # 6ª leite + grãos.

Nestas mesmas unidades de produção estão sendo realizadas, paralelamente a pesquisa, um trabalho da equipe municipal da EMATER/RS através do Programa de ATES/RS, com a orientação e o auxílio dos ATPs (Assistentes

Técnicos Pedagógicos), de acompanhamento destas unidades produtivas buscando-se assim a formação de uma Unidade de Observação Pedagógica – UOP que tem por objetivo a formação de uma RUOP (Rede de Unidades de Observação Pedagógica). Segundo Zarnott (2014, p. 1) “A *RUOP* é uma rede de unidades representativas dos principais sistemas de produção presentes nos assentamentos do RS e surge da necessidade de aprimorar a leitura da realidade em que vivem e atuam as famílias.”

Descrição das famílias

A diante faz-se uma breve descrição das famílias participantes da pesquisa, cabe salientar que para evitar qualquer tipo de constrangimentos as famílias entrevistadas, foram dados nomes fictícios para os representantes de cada uma das famílias:

1) A primeira família, tem na produção leiteira seguida do plantio de sementeiras, como as principais fontes de renda familiar. Segundo o casal o leite representa cerca de 65% da renda enquanto a sementes representa mais ou menos 35 %. O leite é entregue na Cooperal (Cooperativa Regional dos Agricultores Assentados), enquanto as sementes de hortaliças são entregues para a ISLA, uma empresa do ramo do comércio de sementes. Neste lote residem somente o casal de meia idade, a dona Nilva e o seu Luiz, constituindo-se assim a mão de obra no lote. Seu filho único estuda em Pelotas e auxilia nos trabalhos do lote somente no período de férias da faculdade;

2) A segunda família, tem a produção de sementes, o cultivo de grãos e a produção de leite, nesta ordem, como as principais fontes de recursos. Segundo informações do casal, a produção de sementes compõe cerca de 50% da renda, a produção de grãos mais ou menos 30 % enquanto 20% da renda familiar é composta pela produção leiteira. A produção de sementes olerícolas é toda entregue para a AKATU empresa do ramo de sementes, os grãos são comercializados geralmente com a CAMAL (Cooperativa Agrícola Mista Aceguá Ltda.) e toda a produção leiteira é entregue para a Associação Hulhanegrense. Trata-se de um casal relativamente jovem, dona Lizete e seu Ildo, também não possuem filhos que lá residam, fazendo com que a mão de obra familiar fique reduzida nos períodos de

maior incidência de trabalho e dependendo do período pode ser necessário a contratação de alguém para auxiliar;

3) A terceira família, tem a produção leiteira como a principal fonte financeira, representando cerca de 60 % da renda familiar, leite este entregue para a Cooperal, porém há outras fontes de recursos através da venda de mão de obra feita pelo homem a qual representa mais ou menos 40 % da renda. Dona Carmen e seu Luciano, do mesmo modo que os casais anteriores não têm filhos residindo com eles no lote;

4) A quarta família vive basicamente de outras rendas oriundas principalmente do Programa Bolsa Família e da venda eventual de mão de obra de algum dos componentes da família e tem na pequena produção de leite, entregue a Cooperal, um complemento financeiro para o auto sustento familiar. Diferentemente das demais famílias, o casal, dona Mara e o seu João, possuem cinco filhos que moram com eles no lote, com idades que variam de 7 a 17 anos, os mais novos estudam e o mais velho não;

5) Na quinta família a produção leiteira é destacadamente a principal fonte de renda, o leite representa praticamente 100% da renda familiar, pois eventualmente eles vendem algum animal de descarte para poderem renovar o plantel, toda a produção leiteira é entregue a Coperamil (Cooperativa de Produção Rural e Integração Mista Ltda.). O casal, dona Janete e o seu Paulo, têm dois filhos que estudam e moram em Bagé e que eventualmente vão ao lote nos finais de semana e no período de férias, contribuindo assim pouco para reforçar a mão de obra familiar no lote;

6) E por fim, a sexta família pesquisada tem o leite como destaque financeiro pois o mesmo fornecer uma renda mensal que praticamente sustenta a família durante todo o ano, a produção leiteira é entregue a Associação Hulhanegrense, porém nos períodos do cultivo dos grãos, principalmente a soja, a produção leiteira é deixada de lado pelo marido, seu Celso que dedica-se exclusivamente as atividades relacionadas a produção de grãos, ficando somente a esposa, dona Silvia e a filha mais nova Debora, que ainda reside na propriedade, para lidar com todo o sistema produtivo de leite, os grãos são entregue a Camal que também faz o financiamento das lavouras.

Levantamento das informações

As metodologias utilizadas para construção deste trabalho valeram-se de técnicas para levantamento de dados qualitativos, utilizando ferramentas participativas junto as famílias:

a) Primeiramente foi realizada uma visita direcionada a cada uma das famílias, com o objetivo de melhor conhecê-las e também para apresentar a proposta da pesquisa, onde, elas serão o objeto principal do trabalho e assim poder buscar o levantamento dos primeiros dados com o intuito da construção de um diário de campo;

b) Num outro momento, foi realizada uma segunda visita a todas famílias, visando assim aplicar uma ferramenta participativa chama “uso do tempo”, usando como base de conhecimento, os escritos de Geilfus (2002, p. 133). Neste momento da pesquisa, a ferramenta tem por objetivo comparar o tempo diário de trabalho desempenhado entre os homens e as mulheres dentro das diversas atividades do núcleo familiar, não só a atividade leiteira. Pois de acordo com a Secretaria de Políticas para as Mulheres (2012, p. 82), “o uso desigual do tempo configura-se como dimensão central para a promoção da autonomia das mulheres e de igualdades entre os sexos”. Já na conversa, pôde-se constatar claramente as diferenças das cargas horárias de trabalho entre ambos os sexos. A sobrecarga de trabalho das mulheres em relação aos homens ocorre em geral em todas as seis famílias entrevistadas.

c) Durante a terceira visita realizada, foram entrevistadas as famílias que representam as seis diferentes tipologias dos sistemas de produção existentes no município, usando-se neste momento a metodologia do “diálogo semiestruturado” conforme Geilfus (2002, p. 25). A aplicação do exercício tem por objetivo: coletar informações gerais ou específicas mediante os diálogos com as famílias, esta técnica do diálogo semiestruturado busca evitar alguns dos efeitos negativos dos questionários formais. A diferença entre um diálogo semiestruturado e uma entrevista, é que no diálogo se busca trocar informações juntamente com o agricultor de maneira mais informal, sem a pressão da entrevista, que pode causar constrangimento, fazendo com que o agricultor não repasse todos seus conhecimentos e informações.

d) Por fim, em um outro momento já no escritório, foram realizadas as descrições, análises e as interpretações dos dados obtidos através das informações que foram levantadas pelos técnicos da Emater/RS relativos as seis UOPs, buscando-se assim o levantamento de informações para complementação final do trabalho de pesquisa.

Sobre o uso do tempo

Num primeiro momento, como já era esperado, fica claro que carga de trabalho realizada pelas mulheres é superior do que a dos homens. Outra característica que também se pode ver é que essa sobrecarga de trabalhos ocorre independentemente da tipologia dos sistemas de produção, conforme nos mostra a tabela abaixo.

A necessidade da realização desta ferramenta junto as famílias deu-se pela tendência observada, de que os homens em geral acham que trabalham mais do que as mulheres, como fica explícito nesta declaração de um dos entrevistados:

Não, aquelas não ajudam em nada, ficam todo o dia em casa, só lidando com as vacas do leite e fazendo uma coisinha e outra lá por dentro de casa. [comentário feito quando questionado sobre o auxílio da esposa e da filha, nas atividades relativas ao cultivo de grãos] (Seu Celso).

Durante algumas das conversas feitas com as famílias, a maioria das mulheres afirmaram em seus relatos que elas “apenas ajudam seus maridos” nos trabalhos diários do lote, assim como, semelhantemente foi descrito por Brumer (1996), a mulher acaba assim menosprezando o seu próprio trabalho dentro da unidade de produção familiar.

Para o prosseguimento do trabalho, cabe salientar que, por termos somente em uma, das seis famílias entrevistadas, a presença de jovens atuando na lida da propriedade, junto aos pais, resolveu-se desconsiderar o uso do tempo desta jovem pertencente à família da Dona Silvia.

Família	Horário que acordam		Começo das atividades diárias		Carga horária diária na atividade leiteira		Carga horária, outras atividades do lote		Carga horária, atividades domésticas		Horário que dormem	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Fam. (1)	5:00 hs	5:00 hs	5:10 hs	5:30 hs	6 horas	4 horas	2 horas	4 horas	4 horas	1/2 hora	22:00 hs	21:15 hs
Fam. (2)	5:30 hs	6:00 hs	5:40 hs	6:00 hs	5 horas	2 horas	2 horas	6 horas	3 horas	1/2 hora	22:00 hs	21:00 hs
Fam. (3)	5:30 hs	5:30 hs	5:40 hs	6:00 hs	5 horas	4 horas	1 hora	1 hora	3 horas	-	22:30 hs	21:30 hs
Fam. (4)	6:30 hs	8:00 hs	6:30 hs	9:00 hs	4 horas	-	1 hora	1/2 hora	2 horas	-	21:30 hs	21:00 hs
Fam. (5)	5:00 hs	5:00 hs	5:10 hs	5:10 hs	6 horas	6 horas	1 hora	2 horas	3 horas	1 hora	22:30 hs	22:00 hs
Fam. (6)	5:30 hs	5:45 hs	5:30 hs	6:00 hs	5 horas	4 horas	2 horas	5 horas	3 horas	1/2 hora	22:00 hs	21:30 hs

Fonte: Elaborada pelo autor.

Um primeiro ponto interessante observado nesta ferramenta é a carga horária de trabalho na atividade leiteira, somente em uma das famílias entrevistadas, o homem trabalha durante o mesmo período que a mulher, enquanto nas outras cinco famílias as mulheres têm uma carga horária na atividade superior à dos homens, mesmo nas famílias que o homem toma a frente no gerenciamento da atividade.

A tabela também nos mostra que na composição uso do tempo, a jornada diária média das mulheres corresponde entre 14,5 horas a 17,5 horas por dia, e dos homens varia de 13,0 horas a 17,0 horas por dia, mostrando claramente que as mulheres ficam mais tempo acordadas e realizando uma grande quantidade de pequenas atividades que nem elas mesmas percebem. Cabe salientar que esta interpretação se dá com relação ao período que ambos os sexos se mantem acordados, não necessariamente trabalhando.

Na conversa, quando foi tratado sobre as cargas horárias de outras atividades executadas no lote, fora a produção leiteira, aparece claramente o aumento do número de horas trabalhadas pelos homens que tem as atividades relacionadas a outros sistemas produtivos que não o do leite, porém todas as

mulheres entrevistadas também têm participação ativa mesmo que em menor escala nestas atividades.

Na execução desta ferramenta, nota-se claramente o preconceito dos homens quando se trata da questão do auxílio nas atividades domésticas, onde alguns dos entrevistados responderam que geralmente auxiliam suas esposas nas atividades, mas fica bem claro que esta informação é só para eles não responder que não ajudam em nada, então dizem que auxiliam um pouco no meio dia e um pouco a noite, como se percebe nesta declaração:

Fazer essas coisa da casa como, lavar as louças, as roupas, varrer o chão da casa, a isso não é comigo. Mas de vez em quando, se a Mara não tá por casa eu até faço comida para as crianças irem para o colégio. (Seu João)

Outra característica, que pôde ser muito bem observada neste trabalho de “uso do tempo” é que as mulheres, independente da tipologia dos sistemas de produção, atuam de forma mais constante e com cargas horárias na dedicação aos trabalhos diários, na maioria das vezes superior a doze horas diárias de trabalho, ou seja, bem superiores a carga horária de trabalho dos homens, que neste estudo, variam de meia hora ou um pouco mais por dia, até aqueles que trabalham mais de doze horas por dia em diversas atividades dentro dos lotes, como nos mostram a tabela acima.

Ainda dentro da análise das informações levantadas pelo “uso do tempo”, nota-se que em todas as famílias os homens dormem mais cedo que as mulheres, geralmente uma hora mais cedo e que, na melhor das hipóteses acordam juntos com as mesmas, mostrando que, mesmo após o encerramento das atividades diárias, as mulheres seguem trabalhando, geralmente para antecipar alguns serviços do dia seguinte, como preparo do café, assar pão, deixar feijão de molho, etc. e esse tipo de serviço é tão rotineiro para todas elas, que passam despercebidos dentro da família. Seu Luciano, referindo-se a isso, argumenta:

Eu me deito um pouco mais cedo que a mulher veia porque no outro dia eu tenho que sair cedinho pra trabalhar, enquanto ela pode ficar em casa todo o dia, olhando televisão e tomando chimarrão. Ela vai até nas reunião e nos cursinhos que vocês da Emater fazem na sede. (Seu Luciano)

Analisando o comentário acima do Seu Luciano, pode-se notar que ele menospreza o serviços realizados pela esposa, que assume todas as atividades domésticas mais as atividades relativas a produção leiteira, que cabe salienta gera mais renda do que o serviço dele e sem levar em conta que além de tudo, ela levanta junto ele no dia seguinte.

“As relações de trabalho entre os sexos”

Usando-se a metodologia do “diálogo semiestruturado” realizada através de uma conversa informal feita com cada uma das famílias, observou-se melhor as diferenças estruturais de trabalho entre os homens e as mulheres e também as diferenças claras existentes entre os sistemas de produção.

Para tanto, analisou-se cada um dos seis sistemas de produção separadamente, buscando-se assim melhor evidenciar as características de cada um deles. Segue abaixo as análises.

1º SISTEMA: produção de leite e sementeiras.

A família (1) representa este sistema de produção, que tem como uma das características importantes, a participação conjunta do homem e da mulher em todas as atividades relacionadas a questão produtiva dentro do lote, bem como nas demais atividades domésticas. A esse respeito disso, comenta a Dona Nilva: “aqui no lote nós pegamos juntos no trabalho, não tem essa de que eu faço isso e ele faz aquilo, só o que for muito pesado que eu deixo pro Luiz” e ele ainda faz a defesa da esposa dizendo “a mulher não pode levantar muito peso porque ela já passou por umas cirurgias”.

De certa forma nas atividades relacionadas a leitaria a Dona Nilva têm uma dedicação maior que o Seu Luiz, porque a limpeza dos utensílios após a finalização das duas ordenhas diárias, fica com ela, enquanto ele vai atuar nas lavouras de sementeiras. A família possui uma estrutura razoável no estábulo, tem ordenhadeira elétrica, resfriador a granel, tem água encanada, estruturas que facilitam um pouco o trabalho da mulher.

Porém, quando se trata da administração financeira das atividades, ao questioná-los, fica claro que ele é quem controla a questão financeira, recebe o pagamento do leite e da venda das sementes, toma as decisões quanto as compras de insumos gerais necessários nas atividades produtivas e decide sobre o que, quando e como será investido os recursos para o lote.

A participação dela fica restrita as compras de mercados (alimentação, higiene e limpeza), vestuários da família conforme as necessidades e sobre os valores enviados ao filho que faz faculdade.

De uma maneira bem informal, perguntou-se a ela quantos por cento seria o seu grau de influência nas tomadas de decisões dentro da produção leiteira, segundo ela fica em 20%.

2º SISTEMA: produção de sementes + grãos + leite.

Ao entrevistar a família (2), pôde-se analisar que a carga de trabalho dos dois componentes da família é grande, embora as tarefas sejam divididas entre eles, conforme o grau de importância que cada um dá as atividades. Como demonstra o Sr. Ildo em seu comentário “eu não dou muita bola pro leite, ajudo só a buscar e soltar as vacas de manhã e de tarde, tirar o leite é com a mulher, meu negócio é com a plantação que dá mais retorno”.

Nesse caso, pode-se observar que a mulher tem controle quase que completo do gerenciamento da atividade, inclusive no momento do recebimento mensal da produção, junto a cooperativa e na tomada das decisões, ele só tem interferência na produção leiteira quando do preparo do solo para plantio das pastagens, neste momento ele decide como, quando e onde, ele irá realizar a semeadura. A estrutura que a família tem para a produção leiteira também é razoável, eles possuem ordenhadeira elétrica, tem um resfriador a tarro, a água é encanada mas de baixa qualidade, o que de certa forma mostra o desinteresse por parte do marido com a produção leiteira.

A dona Lizete, quando questionada sobre o gerenciamento as tomadas de decisões da matriz produtiva leite, ela disse que decide em torno de 80% dos assuntos relativos as atividades leiteiras, cabendo a ele somente o plantio das pastagens de verão e inverno.

3º SISTEMA: produção de leite + outras rendas.

No caso da família (3), uma característica bem marcante é que ambos têm paridade nas atividades leiteiras, ela um pouco mais devido ao tempo maior que fica no lote, porque ele está prestando serviços, geralmente de alambramento, fora da propriedade do casal, como uma maneira de buscar um recurso extra para a família. De acordo com a declaração do seu Luciano “a gente tem que se virar que nem minhoca na cinza pra poder botar comida na mesa” comentário relativo a pluriatividade realizada pelo mesmo. Segundo ela, com uma certa cobrança forte que ela fez para cima dele, agora os investimentos na produção leiteira estão sendo um pouco maiores, com a compra do resfriador, piqueteamento das pastagens e aquisição de novas vacas.

A dona Carmen quando questionada sobre quem toma a frente nas atividades da produção leiteira, deixa claro que as decisões são tomadas juntas, mas segundo ela, cerca de 60% destas decisões partem dela devido a maior vivência na propriedade, ela ainda brinca em seu comentário “porque ele só dá palpite quando não está trabalhando fora”.

4º SISTEMA: outras rendas + produção de leite.

A família (4) infelizmente, tem sérios problemas para conseguir a garantia da segurança alimentar, a principal fonte de renda é proveniente da venda eventual da mão de obra da mulher e/ou de algum dos filhos e também da Bolsa Família, a renda da produção leiteira é inconstante e insuficiente para mantê-los, principalmente pela falta de capacidade financeira para a realização de investimentos no setor.

Outro problema sério é o alcoolismo que atinge o marido e o filho mais velho da família, o que causa assim uma sobrecarga total de trabalho sobre a mulher, que tem que assumir todas as atividades do lote e ainda eventualmente trabalhar fora para sustentar a família.

De acordo com declaração da dona Mara “eu é que faço quase tudo por aqui, por que ele bebe muito e tá sempre ou bêbado ou cansado”. Neste caso, não foi necessário nem perguntar a ela sobre a tomada das decisões na produção de leite, pois tudo na família cabe a ela.

5º SISTEMA: produção de leite.

A família (5) que representa o quinto sistema de produção, é uma das maiores produtoras de leite dentro dos assentamentos de Hulha Negra, com uma produção que chega a 15.000 litros de leite por mês em algumas épocas do ano, a família trabalha com tecnologias produtivas bem avançada para os padrões locais, com uso de pastagens de verão irrigadas, inseminação artificial para o melhoramento genético do rebanho leiteiro, piqueteamento total do lote para realização de pastoreio rotativo, uso de medicamentos homeopáticos para prevenção de doenças, sala de ordenha bem completa, com transferidor de leite, resfriador a granel, entre outros.

As tarefas na atividade leiteira são bem divididas, como relatou seu Paulo “tem que trabalhar os dois juntos para não ficar puxado pra nenhum dos dois”. Porém nota-se que a paridade dos serviços se dá somente nas atividades produtivas, porque nas atividades domésticas ainda predomina a maior sobrecarga de trabalho para a esposa.

Quando eles são questionados sobre as tomadas de decisões no gerenciamento da produção leiteira no lote, a dona Janete respondeu: “é ele que resolve tudo por aí, as pastagens, os remédios das vacas, a compra de ração, quem recebe o dinheiro na Coperamil no dia do pagamento, também é tudo com ele”. Nesta situação da declaração da mulher, o seu Paulo reagiu prontamente da seguinte forma: “é mais os produtos que tu usa para limpar a ordenha é tu que escolhe e compra lá no mercado da Coptil”. Desse modo ficou bem claro na conversa, que ela só consegue decidir dentro da atividade que é realizada exclusivamente por ela, que é a parte de higienização da ordenha, enquanto as demais decisões são feitas por ele.

6º SISTEMA: produção de leite + grãos.

No sexto sistema de produção entrevistado, nota-se claramente que em certos períodos do ano, quando não há atividades relacionadas ao plantio da soja, o casal trabalha junto em todas as atividades leiteiras. Porém nas épocas, de semeadura, dos tratamentos culturais e de colheita da soja, as atividades da produção leiteira são deixadas de lado pelo homem, causando uma sobrecarga de trabalho para a esposa.

Durante a realização da visita para trabalharmos com a metodologia do “diálogo semiestruturado” a dona Silvia, relatou bem claramente em um dos seus comentários, que:

“se ele botasse no papel quanto custa essa tal lavoura de soja e quanto a gente perde de leite nesse tempo, ele ia ver que dá mais prejuízo plantar isso, só no ano passado tivemos a perda de duas vacas boas de leite que morreram só por que ele não estava aqui pra me ajudar”.

Constata-se que há redução da produção do leite no período do cultivo do grão, principalmente porque as áreas de pastagens de verão são suprimidas para o plantio da soja, juntamente com a falta de um cuidado preventivo com o gado e também com o aumento significativo dos custos de produção devido ao crescimento na quantidade de ração que tem que ser adquirida, isso só ratifica o comentário feito pela dona Silvia. Isso tudo, sem levarmos em conta, todos os problemas causados pela cultura da soja.

Quando ao questioná-los sobre como dá-se o gerenciamento das atividades leiteiras, ambos deixam claro que, nenhuma decisão mais importante, dentro de qualquer uma das atividades produtivas, é tomada sem uma discussão entre o casal, exceto nas atividades que são tão rotineiras dentro das atividades em geral, ao ponto de serem feitas por qualquer um deles.

Descrições, análises e interpretações dos dados das UOPs

Apesar de que os dados obtidos nas análises das UOPs podem ser direcionados a um grande número de possibilidades, mas que não são pertinentes para o momento do trabalho em questão, levamos em consideração somente as questões financeiras relativas a cada uma das famílias, considerando-se as rendas proveniente da produção leiteira, das atividades agrícolas em geral e também as rendas não agrícolas.

Como já foi mencionado anteriormente neste artigo, analisou-se os dados obtidos através dos acompanhamentos realizados pela equipe técnica da Emater/RS de Hulha Negra nas seis UOPs que tem produção leiteira, para tanto, pôde-se observar claramente, que há uma grande variação entre as seis famílias no que se trata das questões financeiras individuais.

Para começarmos esta parte do trabalho, primeiramente inicia-se fazendo uma breve descrição de como está trabalhando a equipe técnica municipal da Emater/RS, através do Programa de ATES, nas diversas UOPs instaladas nos assentamentos de Hulha Negra.

As famílias que representam um, dentre os principais sistemas de produção, encontrados nos assentamentos do município e que conseqüentemente tem a instalação de uma UOP em seu lote, possuem um trabalho de assessoria técnica, social e ambiental, um pouco diferente das demais. Estas famílias têm um acompanhamento mensal que é realizado pela equipe técnica da ATES para serem feitos os levantamentos das informações gerais do seu lote, como: os dados produtivos das principais matrizes desenvolvidas no lote, as rendas agrícolas e não agrícolas, a depreciação dos bens produtivos, as rendas brutas e líquidas das atividades, entre outros.

Estes acompanhamentos mais direcionados e frequentes, realizados pela ATES, propiciam que haja uma maior integração pessoal entre os produtores e os técnicos e que também possa haver mais trocas de ideias entre os mesmos, fazendo com que, por fim, isso tudo possa trazer benefícios as famílias e que as discussões provocadas nos levantamentos desses dados possam e sirvam para subsidiar outros processos de intervenções, até mesmo em outros sistemas produtivos. Conforme relata Zarnott (2014, p. 1) “Esse processo de análise, discussão, intervenção, análise e assim consecutivamente é que permitirá, a partir de grupos de interesse, transformar a RUOP numa rede de unidades de referência pedagógica para a ação da ATES”.

Dentro de uma série de atividades realizadas pela Emater/RS, são feitas as discussões e as trocas de ideias entre os produtores e os técnicos do programa de ATES, visando assim a busca de novas alternativas de incremento da renda familiar e/ou de melhorias sociais e que também sirvam para a construção coletiva de um plano de intervenção. Onde a família é beneficiada com um recurso específico do INCRA para incrementar a atividade produtiva que a família e a ATES decidirem, como sendo um local chave para causar um avanço produtivo ou social aos beneficiários.

Ao analisar os dados de cada uma das UOPs em questão, pode-se ver claramente as diferenças entre as famílias e visualizar o quanto cada uma tem a ver com as tipologias de sistemas de produção que elas representam e assim enxergar o quanto que as dificuldades sociais afetam diretamente as questões produtivas das famílias.

Quando se faz uma análise somente da produção leiteira das seis famílias, as rendas brutas variam entre R\$ 600,00 e R\$ 5.100,00 em média por mês. Observa-se que os custos da produção da atividade leiteira de todas as famílias, estão dentro de um mesmo patamar de investimentos na atividade, ou seja, as famílias que investem mais têm uma maior produção, porém apresentam um custo maior e por conseguinte quem produz menos, tem um custo de produção mais baixo, conforme nos mostra a tabela abaixo.

Famílias	Renda bruta do leite	Custos de produção do leite	Outras rendas brutas agrícolas	Rendas não agrícolas
Família (1)	4.100,00	1.200,00	1.800,00	0
Família (2)	1.300,00	390,00	5.600,00	0
Família (3)	2.500,00	700,00	0	1.500,00
Família (4)	600,00	50,00	0	880,00
Família (5)	5.100,00	1.350,00	0	0
Família (6)	3.300,00	980,00	2.500,00	0

Fonte: elaborada pelo autor

Também pode-se observar a importância que tem, o Programa Bolsa Família para a família da dona Mara, que no momento se encontra em grandes dificuldades e em vulnerabilidade social, para tanto, este recurso está servindo como um complemento fundamental na renda familiar. Conforme o MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, pertencente ao Plano Brasil Sem Miséria, o Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. (MDS, 2015, p.1)

Outro ponto muito relevante que pôde ser observado no decorrer da pesquisa é sobre a importância da pluriatividade realizada na família da dona Carmen e do seu Luciano, com o acréscimo da renda não agrícola através da venda de mão de obra. Como bem relata Schneider (2001, p 164): “A combinação permanente de atividades agrícolas e não agrícolas, em uma mesma família, caracteriza e define a pluriatividade”. O salário mensal recebido pelo seu Luciano equivale a cerca de 80% da renda efetiva da produção leiteira e representa no momento um valor financeiro fixo mensal que serve para suprir plenamente as despesas familiares, sem que o serviço do mesmo sobrecarregue a esposa nas atividades da leiteira, conforme nos mostra a tabela do uso do tempo, pois o casal trabalha bem as questões das divisões das tarefas.

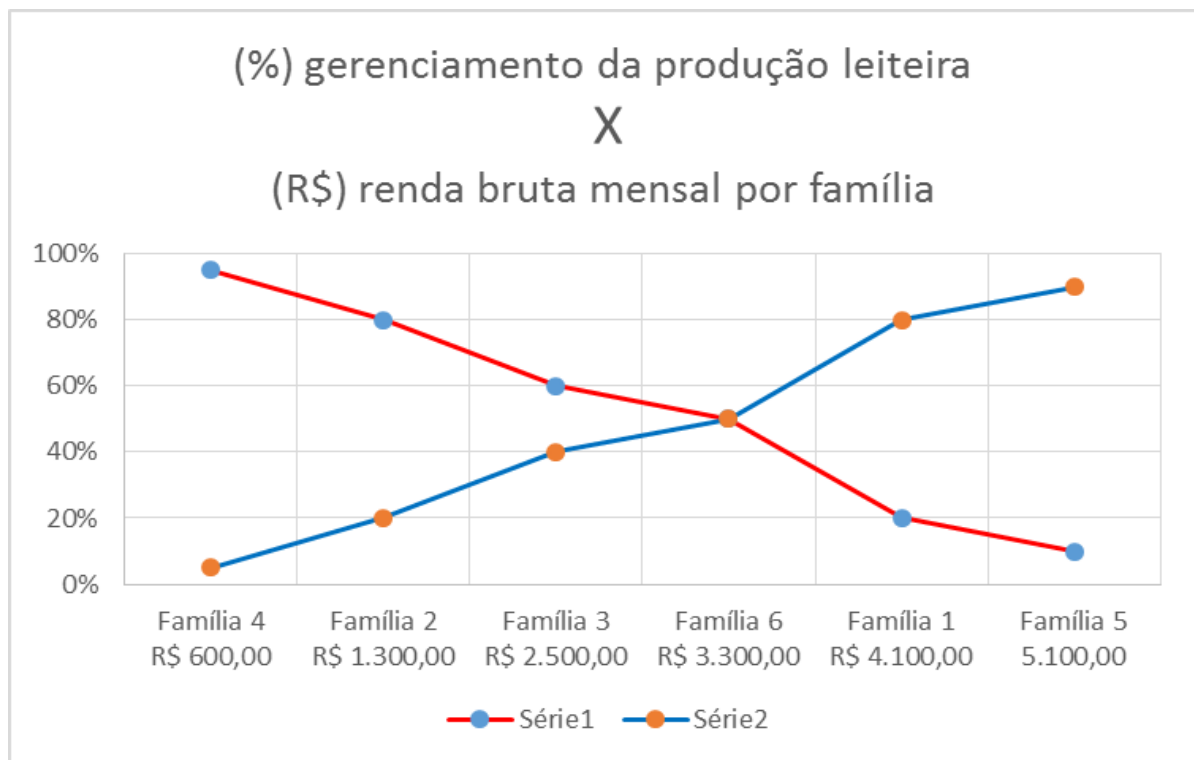
Um momento importante do trabalho é extremamente válido relembrar o oportuno comentário feito pela dona Silvia durante a conversa no dialogo semiestruturado:

“se ele botasse no papel quanto custa essa tal lavoura de soja e quanto a gente perde de leite nesse tempo ele ia ver que dá mais prejuízo plantar isso, só no ano passado tivemos a perda de duas vacas que morreram por que ele não estava aqui pra me ajudar”.

De fato, pode-se observar que ela está muito correta em sua análise, pois vê-se claramente que a aparente renda de R\$ 2.500,00 por mês, deixada pela lavoura de soja, na realidade tem um custo de produção muito próximo aos 60% deixando isso assim um lucro líquido real de somente R\$ 1.000,00 por mês, mas o que causa grande encantamento ao produtor e aos demais que estão envolvendo-se com esta cultura, é a oportunidade que ele tem de receber o valor total de maneira única no momento da venda da safra.

Outro sério risco pertinente do plantio de soja é que, esta renda só é possível desde que não ocorra nenhuma frustração de safra, devido principalmente aos intempéries que são muito comuns em toda a Região da Campanha, principalmente as estiagens que estatisticamente ocorrem em sete a cada dez verões e também aos invernos extremamente chuvosos que impossibilitam o plantio na época recomendada, situações que não causariam prejuízos tão significativos na produção leiteira, que somente teriam redução na produção durante o período da estiagem.

Observando-se o contexto geral proposto pelo trabalho de pesquisa, todas as metodologias aplicadas em busca de resultados fidedignos, Pode-se portanto afirmar que a hipótese proposta para ser estudada neste trabalho está confirmando-se. Como pode ser observado mais detalhadamente no gráfico abaixo.



Fonte: Elaborada pelo autor

Na tabela acima onde, a série 1 representa graficamente as ações das mulheres e a série 2 representa as ações dos homens. Cada ponto representa a mulher e o homem dentro da porcentagem de gerenciamento da atividade leiteira, conforme os números levantados no diálogo semiestruturado.

Os números para elaboração do gráfico foram retirados das conversas e das análises em duas ferramentas utilizadas o “diálogo semiestruturado” e das “descrições”, análises e interpretações dos dados RUOPs” que foram compilados, para serem apresentados no gráfico acima.

Conclusão

Ao analisarmos a divisão sexual do trabalho numa perspectiva de gênero dentro da matriz produtiva leite, a partir dos seis núcleos familiares. Trabalhando-se com a hipótese de que, quanto maior a renda familiar proporcionada pela produção leiteira, menor é o poder de gerenciamento das mulheres na atividade produtiva, até mesmo quando elas participam ativamente nos trabalhos vinculados a produção leiteira na unidade de produção familiar e também quando o poder de decisão seja tomado totalmente pelos homens.

Pode-se concluir, tendo em vista os resultados obtidos neste trabalho, que, em geral nas famílias dos assentamentos de Hulha Negra/RS ocorre o empoderamento nas tomadas de decisões e do gerenciamento das atividades leiteiras por parte dos homens, e que isso ocorre conforme aumenta a rentabilidade proporcionada pela matriz produtiva leite, enquanto que para as mulheres ocorre o inverso, a tomada de decisão com relação ao gerenciamento da atividade leiteira foge de suas mãos conforme a atividade torna-se mais lucrativa.

Com relação a participação nas atividades leiteiras, fica claro que a jornada de trabalho nas atividades leiteiras mantém-se constante pelas mulheres mesmo quando os homens assumem quase que por completo as decisões e o gerenciamento das atividades.

Por fim, fazendo-se uma reflexão sobre as situações vividas durante os anos que trabalho com assentamentos da reforma agrária na Região da Campanha, sabe-se que infelizmente as atitudes machistas dos homens, ainda são corriqueiras em todos os locais, porém no sul do Rio Grande do Sul já é sabido por todos que esta maneira de agir dos homens é ainda mais aflorada, por uma série de questões que no momento não vem ao caso.

O que sempre me causou estranheza é o fato de que, mesmo com todo os trabalhos de formação feitos pelo MST durante os acampamentos e também dentro dos assentamentos já constituídos, onde a questão do machismo sempre foi amplamente discutida entre todas as lideranças e as famílias assentadas, mesmo assim que muitos dos homens, até mesmo algumas lideranças do movimento, sigam tendo atitudes que desmoralizam as mulheres.

Com relação a estes fatos, penso que os técnicos do Programa de ATES tem papel fundamental na tentativa de, com o tempo, reverter tal situação, não creio que o trabalho deva ser em cima de ações junto aos homens, pois no meu ponto de vista o machismo está tão arraigado dentro dos homens que somente através de um processo muito duradouro e trabalhoso de conscientização para que ocorram pequenas mudanças, acho sim que a ATES deve dedicar forças através de trabalhos do resgate do auto estima das mulheres, com a realização de algumas atividades específicas, também incentivando o acontecimento de atos e ações onde a questão de gênero possa ser bem discutida, trabalhando para fortalecer a formação de novas lideranças femininas não só dentro dos assentamentos, mas em toda a sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. As particularidades da agricultura no desenvolvimento econômico; A agricultura familiar no país dos Landlords. Paradigmas do capitalismo agrário. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992. p.168 e 209.

BAVARESCO, Pedro A. Uma análise das condições socioeconômicas das famílias do assentamento Annoni (fase IV) no Rio Grande do Sul. IN: TEDESCO, João Carlos (organizador). Agricultura Familiar: Realidades e Perspectivas. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999. 2ª ed. p. 261-262.

BRUMER, A. Gênero e Agricultura: A Situação da Mulher na Agricultura do Rio Grande do Sul. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1), p. 202-227, janeiro-abril/2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>> acessado em: 14 jan. 2014.

BRUMER, Anita. Qual a vocação produtiva da agricultura familiar? Globalização, produção familiar e trabalho na agricultura. IN: TEDESCO, João Carlos (organizador). Agricultura Familiar: Realidades e Perspectivas. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999. 2ª ed. p. 223 a 251.

EMATER/RS. Trabalho de Estudo de Situação do município de Hulha Negra, 2014.

EMATER/RS. Trabalho de Leitura da Paisagem do município de Hulha Negra, 2002.

FORO, Carmen. Entrevista para Agência Brasil, Sobrecarga de trabalho é obstáculo para autonomia das mulheres do campo, 2013.

Disponível em: <http://www.abc.com.br/noticias/brasil/2013/03/sobrecarga-de-trabalho-no-campo-e-obstaculo-para-autonomia-das-mulheres-do-campo>.

GEILFUS, Frans. 80 herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación / Frans Geifus – San José, C.R.: IICA, 2002.

IBGE. Censo Agropecuário 2006. Agricultura Familiar – MDA/PRONAF.

Disponível em: < <http://sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

KERGOAT, Danièle, HIRATA, Helena. Novas configurações da Divisão Sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007

MAGALHÃES, Reginaldo Sales. A “masculinização” da produção de leite. Rev. Econ. Sociol. Rural, vol. 47, nº. 1. Brasília Jan./Mar., 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-0032009000100010&script=sci_arttext.

MENASCHE, Renata; ESCHER, Salete. Gênero e agricultura familiar: cotidiano da vida e trabalho na produção de leite. DESER e comissão estadual de mulheres trabalhadoras rurais do Paraná: Curitiba, 1996

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (MDS, 2015, p.1).

Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>.

RANIERI, S.B.L. Retrospecto da reforma agrária no mundo e no Brasil. IN: Sparovek, Gerd. A qualidade dos assentamentos de reforma agrária brasileira. São Paulo: Páginas e letras editora e gráfica, 2003. p.22-54.

REIJNTJES, C.; HAVERKORT, B.; WATERS-BAYER, A Agricultura para o futuro: uma introdução à agricultura sustentável e de baixo uso de insumos externos. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: AS-PTA; Leusden, Holanda: ILEIA, 1999. 2ª ed. 324p.

RIBEIRO, E. M. Agricultura familiar. Lavras: DAE / UFLA. nov 1997, 13 p (curso UFLA/EMATER MG 1997/98).

SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 16, p. 164-184, 2001. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/378.pdf>>.

SEITENFUSS, Roseli; LIMA, Arlindo Jesus Prestes de O Papel da Mulher no Processo de Produção e de Reprodução Social da Agricultura Familiar: um estudo em unidades de produção leiteira em Condor – RS, 2014.

SILIPRANDI, Emma. Projeto de desenvolvimento e valorização da agricultura familiar. IN: NOBRE, M. et al. Gênero e Agricultura Familiar. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1998. p.12-13.

SPM. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres. 2012, p. 82-83.

ZARNOTT, Alisson Vicente. RUOP – INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DA ATES (2013, p.1). Disponível em: <<http://ates-rs.webnode.com/news/ruop-instrumento-pedagogico-da-ates/>>

Entrevistas/diálogos citados:

Sra. Nilva e Sr. Luiz, diálogos realizados entre julho e dezembro de 2014

Sra. Lizete e Sr. Ildo, diálogos realizados entre julho e dezembro de 2014

Sra. Carmen e Sr. Luciano, diálogos realizados entre julho e dezembro de 2014

Sra. Mara e Sr. João, diálogos realizados entre julho e dezembro de 2014

Sra. Janete e Sr. Paulo, diálogos realizados entre julho e dezembro de 2014

Sra. Silvia e Sr. Celso, diálogos realizados entre julho e dezembro de 2014